

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO DO *E-MAIL* EM SALA DE AULA

SILVA, André Pereira da¹

Resumo - Este artigo tem o objetivo de demonstrar que através de uma sequência didática com uso de tecnologia pode-se ajudar os educandos a perceberem questões relacionadas à variação linguística. Desmistificar o equívoco de que toda atuação verbal deve estar conforme as regras da norma culta, ou seja, perceber que o bom uso da língua tanto escrita quanto falada é aquele que é adequado às condições de uso. Através de uma pesquisa bibliográfica, busca-se provocar um olhar e um refletir sobre a ação da escola, sobre seu compromisso e especialmente sobre o educador, principal protagonista nesse processo, pois é ele que faz parte da grande tarefa de formar novos cidadãos para um mundo em permanente mudança nas suas escritas e cada vez mais exigente quanto à qualidade da leitura.

Palavras-chave: Variação Linguística, Sequência Didática, E-mail.

Introdução

Apesar de utilizarmos a fala, diariamente, na maior parte de nosso tempo, ainda se considera educada a pessoa que domina bem a escrita e que também interpreta com qualidade tudo o que lê, e como diz Stella Maris Bortoni-Ricardo e Veruska Ribeiro Machado (2013, p. 7) “a leitura e a escrita são pilares de toda formação escolar”. Diante desse fato, identificar até que ponto a oralidade interfere na escrita e o nível de interpretação dos educandos é de extrema importância na formação de um cidadão que domine bem o recurso da escrita e se utilize da escrita e da leitura para exercer de forma bem-sucedida sua cidadania.

E este é um dos focos deste artigo, demonstrar que leitura, fala e escrita, aliadas à tecnologia, andam juntas no processo comunicativo dos educandos, se complementam e, principalmente, que não existe somente uma forma de falar, uma única forma de escrever e se expressar, a variedade linguística é uma realidade, precisa ser respeitada e analisada de forma reflexiva. Para tanto, foi realizada uma sequência didática com alunos do nono ano do ensino fundamental da Escola Estadual André Antônio Maggi de Feliz Natal/MT.

A tecnologia precisa servir como ferramenta de aprendizagem, através dela pode-se estimular o gosto pela leitura e desenvolver a criatividade nas produções de texto dentro e fora da escola, dessa forma o gênero textual contemplado na sequência didática foi o *e-mail*. Muitos alunos não tinham seu próprio *e-mail*, então o laboratório de informática da escola foi utilizado

¹ Mestrando em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus Sinop, PROFLETRAS. Professor efetivo lotado na Escola Estadual André Antonio Maggi, Feliz Natal/MT. exploringidiomas@hotmail.com.

para que os alunos sem *e-mails* pudessem criar suas contas. Refletir sobre esses procedimentos na busca de respostas que, ao menos, possam amenizar os problemas relacionados à leitura e escrita é o objetivo deste artigo. Sabe-se que, para atingir sucesso no processo de leitura e escrita na escola, precisa-se da intervenção do professor. A linguagem é extremamente importante para o desenvolvimento humano. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), documento esse elaborado pelo Ministério da Educação, defendem aspectos do ensino da língua materna, traçando as concepções para o letramento infantil como se vê em sua apresentação:

O domínio da língua, oral ou escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 15).

Portanto, percebe-se que o exercício efetivo da cidadania e a aquisição de conhecimento se dão através do domínio da leitura e da escrita.

Desenvolvimento

O estudo da língua

Se a meta principal do ensino-aprendizagem da língua portuguesa é levar o aluno ao domínio desta língua e se a gramática é entendida, como o próprio sistema de regras da língua em funcionamento (NEVES, 2003), é evidente que o trabalho com a gramática na sala de aula se torna inquestionável. Todavia, é fundamental não encarar o estudo de gramática como um fim em si mesmo ou como uma atividade desvinculada do trabalho com leitura e produção de textos, pois texto e gramática são elementos articulados entre si.

Deve-se trabalhar, portanto, tendo sempre como meta aumentar a competência comunicativa do aluno, levando-o a conhecer, reconhecer e empregar adequadamente os recursos da língua em seus vários níveis, no que diz respeito tanto a suas regras gerais quanto aos elementos que interferem no contexto de uma situação real de comunicação. Esse aprender gramática passa, dessa forma, a ter significado quando o aluno tem a oportunidade de desenvolver atividades que lhe permitem refletir sobre o funcionamento da língua e apropriar-se de seus recursos, operando por meio dela, compreendendo e produzindo textos conforme seus próprios objetivos sociocomunicativos. Assim, leva-se o aluno à compreensão do

verdadeiro papel da gramática dentro da língua que é o de contribuir para a construção dos sentidos do texto, seja ele de que gênero for.

A variação linguística

A variação na língua é objeto de estudo da sociolinguística, ciência que surgiu em meados do século XX, motivada pela preocupação de estudiosos da linguagem com o fraco desempenho escolar de crianças pobres nos Estados Unidos, particularmente as crianças negras, e também no Reino Unido. Enfatizava a sociolinguística, já em seu surgimento, “a dupla ignorância: a escola ignora a fala dos alunos e os alunos têm dificuldade para entender e assimilar a fala da escola. Diante disso, comprometeu-se essa disciplina a lutar pelo respeito às diferenças linguísticas, que passou a descrever cientificamente” (BORTONI-RICARDO; MACHADO, 2013, p. 45).

Conforme Bortoni-Ricardo e Freitas (2009, p. 218), desde seu berço, a sociolinguística,

tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então, muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas. O objetivo tem sido construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolverem em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla e à expansão de sua competência comunicativa.

Também no Brasil, após várias décadas de pesquisa sociolinguística,

contamos com muitos trabalhos, amplamente documentados em bancos de dados, sobre as diferenças entre a variedade culta da língua, de natureza suprarregional, e variedades faladas em grupos sociais mais isolados, de cultura predominantemente oral. No entanto, a sociolinguística brasileira trilhou um caminho bem específico. Considerando o forte estigma que sofrem as variedades populares no Brasil, mais produtivas nos grupos sociais de baixa escolaridade, os especialistas deram especial ênfase ao fato de que as variantes não padrão de uma regra variável não são erros linguísticos, são tão somente formas diferentes da variante de prestígio (BORTONI-RICARDO; MACHADO, 2013, p. 46).

Como se vê, as questões relacionadas às dificuldades dos alunos no que tange à fala, leitura e escrita já são antigas e foi o que deu origem à sociolinguística. Não é possível trabalharmos a leitura, a escrita e a fala dos educandos sem que saibamos de onde vêm, onde vivem, desconsiderando seu histórico de vida. Tudo isso é relevante no momento em que a escola recebe esse aluno e inicia com ele o processo de ensino-aprendizagem do ler e escrever.

A alfabetização e o letramento têm sido discutidos por muito tempo pelos educadores, uma vez que os problemas relacionados à aprendizagem, mais diretamente aos problemas com leitura e escrita, se percebem há muitas décadas. Mais importante do que achar um culpado, que é o que se faz quando um problema ocorre – isso é da natureza do ser-humano –, é ter a consciência de que, se a escola não está conseguindo fazer de seus alunos bons leitores e escritores, isso trará consequências graves para o futuro deles. Mesmo que este artigo não tenha o objetivo de buscar o culpado por esse problema, não se pode negar que a escola não tem cumprido com seu papel. Quando se tem consciência da gravidade disso, não se pode permanecer na inércia, também não é possível ficar esperando por ações políticas devido a sua morosidade.

Diante dessa realidade, o educador deve ser o protagonista. É ele quem deve correr atrás da competência linguística técnica necessária para sanar ou, pelo menos, amenizar essa situação. O fracasso do educando ocorre também por falta de competência técnica de alguns setores e profissionais que orientam a Educação, como, por exemplo, as escolas de formação, as Secretarias de Educação e até mesmo alguns autores de livros didáticos que por não conhecerem muitos aspectos básicos da fala, da leitura e da escrita acabam por publicarem em seus livros afirmações indevidas. Nesse sentido, Cagliari (2007, p. 9) afirma que:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

O mesmo autor (2007, p. 8) também afirma que “a compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização”.

A despeito dos desafios e limitações existentes tanto no sistema público de ensino quanto dos profissionais da educação, precisa-se despertar para as inúmeras ferramentas tecnológicas existentes ao nosso redor e disponíveis para uso gratuito. Refletir sobre essas questões nos ajudam a encontrar soluções para os desafios atuais, uma vez que para solucionar qualquer problema é preciso um diálogo aberto sobre a quem compete a responsabilidade, no caso, de ensinar a ler e a escrever e quem deve ser mais atuante para desenvolver, nos profissionais da educação, as habilidades tecnológicas necessárias para promover a qualidade da leitura e da

escrita dos alunos. Assumir que essas são tarefas da escola e não exclusivamente do professor de português. Vários autores defendem essa ideia. Segundo Cagliari (2007, p. 148):

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura [...] a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.

Neste contexto, outra reflexão realizada por este artigo é, pois, questionar o que seria ler e escrever nas diferentes áreas do currículo escolar, além de analisar se os alunos do ensino fundamental compreendem a realidade dos diversos ‘falares’ e das várias formas de escrita presentes em seu cotidiano, ou seja, a variação linguística na relação da utilização da linguagem nas diversas situações comunicativas e como a tecnologia pode auxiliar nesse processo.

Desconfinar a discussão sobre leitura, fala e escrita e suas variedades, ampliando o seu âmbito desde a biblioteca e a aula de português para toda a escola também é reflexão deste artigo. Este trabalho mostra a ideia firmada sobre leitura, fala e escrita como compromisso da escola e salienta-se, sobretudo, a importância de que cada professor tenha um conhecimento profundo das características do ler, do falar e do escrever na sua área de atuação para que entre elas o diálogo se faça com segurança e fecundidade.

Portanto, procuramos demonstrar que o trabalho do professor não pode estar desvinculado do uso das tecnologias, uma vez que elas são muito poderosas, capazes de servir como estratégias que favoreçam o aprendizado de forma prazerosa e significativa. A tecnologia usada como ferramenta pedagógica também insere o aluno no mundo letrado e transpõe as barreiras da sala de aula, despertando nele o interesse pelo saber, tornando-o assim autor de seu próprio conhecimento de modo a ampliar suas possibilidades de participação na sociedade.

É claro que ler e escrever sempre foram tarefas indissociáveis da vida escolar e das atribuições dos professores. Ler e escrever bem forjaram o padrão funcional da escola elitizada do passado, que atendia a parcelas pouco numerosas da população em idade escolar. Ler e escrever massiva e superficialmente têm sido a questão dramática da escola recente, sem equipamentos e estendida a quase toda a população. Segundo Gomes (2009, p. 5):

O ensino da língua materna nos primeiros anos da vida escolar de um aluno é uma responsabilidade incomensurável [...] do bom resultado desse empreendimento dependerá toda a vida acadêmica desse aluno, já que a leitura e a escrita, além de propiciarem bom uso da comunicação oral, estão presentes em todas as disciplinas no ensino fundamental, médio e superior. E vão, certamente, acompanhá-lo em todos os contextos de sua vida.

A sociedade vê a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo entre a criança/adolescente e a leitura/escrita. Todo estudante deve ter acesso a ler e escrever em boas condições, mesmo que nem sempre tenha uma caminhada escolar bem traçada. Independente de sua história, merece respeito e atenção quanto a suas vivências e expectativas. Daí a importância da intervenção mediadora do professor e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade, para qualquer estudante, como são o ler e o escrever.

Novamente fundamentados em Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p. 13), no que tange ao trabalho com a variação linguística em sala de aula, percebe-se que a responsabilidade recai outra vez “sobre nós, professores de língua portuguesa, que ainda lutamos em sala por uma língua ‘limpa’, sem vestígios da oralidade, do popular, das variedades”. As autoras (2013, p. 13) ainda afirmam que “o apego exagerado do professor ao ensino da gramática que tudo prescreve, que contorce a língua para ela caber dentro das regras, com a consequente valorização de suas variantes, de suas particularidades”, atrapalha o trabalho com a diversidade linguística.

Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p 52) acrescenta que:

A variação linguística não é uma deficiência da língua, é um recurso posto à disposição dos falantes, insistimos, porém, em um ponto: ao ensinar diferentes modos de falar, é preciso que a escola esteja bem consciente e bem preparada para mostrar que a esses modos diferentes de falar associam-se valores sociossimbólicos distintos. A escolha entre os modos de falar não é aleatória, é definida pelos valores vigentes, alguns seculares, que normatizam a comunicação humana e a vida em sociedade.

Ou seja, analisar e refletir sobre as diferentes formas do ler, do falar e do escrever com o auxílio da tecnologia, não é uma atitude somente pedagógica, é também uma reflexão sobre a vida em sociedade.

Em cada situação, em cada evento ou ato de fala, os interagentes têm expectativas culturalmente definidas sobre o que falar e como falar, o que aprofunda a responsabilidade da escola ao trabalhar com a pedagogia linguística. Aos alunos não se podem sonegar os recursos linguísticos que os habilitarão a modular sua fala e sua escrita conforme o que se espera deles, em qualquer papel social que tenham de desempenhar. Aprender na escola que existem modos diferentes de falar, que podemos ajustar de acordo com as circunstâncias, é um passo importante na formação de nossos jovens. Por isso a contribuição da sociolinguística é crucial na formação dos professores e nos currículos escolares nas escolas brasileiras. (BORTONI-RICARDO e MACHADO, 2013, p. 53).

O que se tem dito até aqui é o seguinte: a instituição escola e os profissionais da educação precisam assimilar o que a sociolinguística tem ensinado. O preconceito linguístico, muitas vezes, ocorre dentro da própria escola por parte dos professores. Esses devem dominar e entender bem as questões fonológicas, semânticas, lexicais, dentre outras, e suas implicações na escrita, principalmente se trabalham com a alfabetização. Antunes (2007 *apud* BORTONIRICARDO e MACHADO, 2013. p. 17), diz que:

Competente é quem domina o maior número possível dos usos da língua, desde o falar apropriado às situações mais relacionadas à informalidade até as situações da escrita formal. Por isso é recomendável um novo enfoque sobre a língua, menos inflexível e, conseqüentemente, menos centrado no erro gramatical. A exposição do aluno a produções linguísticas prestigiadas é uma condição para o domínio da fala e da escrita socialmente valorizadas, e o texto é a melhor opção para o ensino com a “reflexão linguística, o pensar sobre a linguagem, centrado na dimensão discursiva e interacional da língua”.

A mediação do professor é fundamental na tarefa de ensinar a ler e escrever e a tecnologia está à disposição da educação, os professores precisam trazê-la para dentro da sala de aula, utilizá-la como já foi mencionado como ferramenta pedagógica para inserir o aluno no mundo letrado.

Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura. Quando o professor convida o aprendiz a um site, ele não apenas lança mão da nova mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse aprendiz na cibercultura. (SILVA, 2005, p. 63).

Os profissionais da educação, principalmente os da área da língua portuguesa, precisam reconhecer que a leitura e a escrita estão nas telas dos computadores, nas telas dos celulares e *tablets* dos alunos e que através dessas ferramentas eles podem adquirir conhecimento e aprendizado. A tecnologia da informação e da comunicação está trazendo mudanças importantes não apenas no mercado de trabalho, mas também nas práticas de leitura e escrita.

A Sequência Didática

Como ensinar a expressão oral e a escrita para os alunos hoje em dia? É possível ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares. Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos

necessários para o desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e de escrita, em situações de comunicação diversas.

A sequência didática é uma maneira precisa de trabalhar em sala de aula. É um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004). No caso do presente artigo, o gênero privilegiado foi o *e-mail*. Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. Não escrevemos da mesma maneira quando redigimos uma carta de solicitação ou um conto; não falamos da mesma maneira quando fazemos uma exposição diante de uma classe ou quando conversamos à mesa com amigos. Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes.

Este trabalho, desenvolvido com alunos do nono ano do ensino fundamental, ajudou-nos a refletir sobre essas questões. Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

A estrutura de base de uma sequência didática segue os seguintes procedimentos: primeiro a apresentação da situação, que visa apresentar aos alunos um problema de comunicação bem definido, além do gênero que será abordado, a quem se dirige a produção, bem como o formato e quem participará da produção. Na sequência, solicita-se a produção inicial, seguida dos módulos e, finalmente, a produção final.

No caso do presente trabalho, foi pedido aos alunos, depois da apresentação da situação, que escrevessem inicialmente em seus cadernos dois *e-mails*: o primeiro, dirigindo-se a um amigo de outra cidade convidando-o para vir para sua festa de aniversário que aconteceria na semana seguinte, e o segundo, dirigindo-se ao prefeito do município relatando problemas de infraestrutura de sua escola, ou qualquer outro problema na visão dos alunos, pedindo ajuda para resolver a situação. Estes dois *e-mails* foram a produção inicial dos alunos. O objetivo era verificar se os educandos perceberiam que o nível de linguagem dos dois *e-mails* não seria o mesmo. Duas aulas, de uma hora cada, totalizando duas horas/aula, foram utilizadas na apresentação da situação e produção inicial.

Em seguida, nos módulos, trabalhamos com os alunos os problemas que apareceram na primeira produção com o intuito de dar aos educandos instrumentos necessários para superá-los. Essa sequência didática foi realizada através de dois módulos: no primeiro módulo, trabalhou-se com os alunos as características do gênero *e-mail*, após essa conversa que ocorreu em sala de aula através de um pequeno debate, os alunos foram levados até o laboratório de

informática da escola para abrirem suas contas de *e-mail*, pois muitos ainda não tinham. Muitos modelos de *e-mails* foram levados para a sala de aula, então, após o procedimento de criação dos endereços eletrônicos, fizemos a leitura dos textos levados para a turma. O desenvolvimento desse primeiro módulo teve a duração de duas aulas (2 horas). É importante ressaltarmos que houve dificuldades referentes à qualidade da internet da escola.

No segundo módulo, tratou-se das questões relacionadas à formalidade e informalidade dos *e-mails*, ou seja, já havíamos lido vários textos no módulo anterior, então foi pedido aos alunos que classificassem todos os textos lidos em formais e informais. Os alunos puderam então perceber que, dependendo a quem se dirigissem, o nível de linguagem, a escolha do vocabulário e o grau de formalidade variavam. Perceberam que algumas mudanças seriam necessárias em sua produção inicial. Este segundo módulo foi desenvolvido durante uma aula de uma hora.

A sequência didática foi finalizada com a produção final com o propósito de dar ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Ela ajuda o aluno a perceber o que aprendeu e o que ainda precisa fazer, serve de instrumento para regular e controlar seu próprio comportamento de produtor de textos durante a revisão e a reescrita, e permite-lhe avaliar os progressos realizados durante o trabalho. Nessa produção final, os educandos fizeram a reescrita de seus *e-mails* fazendo todos os ajustes necessários relacionados à linguagem, principalmente no segundo *e-mail* que foi escrito para o prefeito, como haviam percebido ao longo do segundo módulo, reescreveram o texto monitorando-se muito mais com relação à formalidade.

Considerações Finais

A sequência didática desenvolvida com essa turma de nono ano do ensino fundamental com o uso de tecnologia foi realmente significativa para os alunos. Pôde-se perceber o ânimo e a disposição deles pelo fato de saírem da sala de aula e irem até o laboratório de informática para desenvolverem algo que realmente seria útil para a vida deles. O uso do *e-mail* é algo prático em nossa vida cotidiana.

Encerramos este trabalho citando Cagliari (2007, p. 184), para que uma reflexão seja feita, pois:

A escola desconhece a realidade linguística da criança; esquece-se de que ela foi capaz de aprender a falar e a entender a linguagem oral mesmo antes dos 3

anos e de que é capaz de usar essa mesma linguagem oral para dizer tudo o que quer, quando não poderia, de forma alguma, ignorar ou destruir essa habilidade já adquirida. Não poderia deixar de reconhecer também o fato de que as crianças aprendem a falar uma variedade do português própria de sua comunidade, que pode ser bem ou mal vista pelos outros grupos sociais. Ignorando a variação linguística e seu uso na sociedade, a escola faz os alunos que falam dialetos estigmatizados se sentirem fortemente discriminados, quando deveria ensinar-lhes o dialeto de maior prestígio social, como forma de produção social. É por serem falantes desses dialetos marcados pela sociedade e por serem mal compreendidos pela escola que os alunos cometem a maioria dos erros de escrita; portanto, as causas destes não são, como se pensa, deficiências auditivas ou motoras, nem fome.

É imprescindível levar em conta o papel do conhecimento enciclopédico e do conhecimento de mundo da criança, uma vez que, em se tratando de leitores noviços, com pouca experiência em cultura letrada, esse tipo de conhecimento pode estar muito aquém das exigências que a compreensão do texto impõe. É justamente nessas circunstâncias que a mediação do professor pode ser decisiva.

O papel da escola está diretamente ligado ao papel do professor como mediador do processo de aquisição de uma cultura letrada pelos alunos, que vai desde sua alfabetização ao seu conhecimento de mundo. Rojo (2009) nesse sentido, nos fala que: um dos papéis importantes da escola no mundo contemporâneo é o de estabelecer relação, a permeabilidade entre as culturas e letramentos locais/globais dos alunos e a cultura valorizada que nela circula ou pode vir a circular.

O compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto de uso crítico da língua. E, na medida em que língua e linguagem são partes indissociáveis de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social.

THE LANGUAGE VARIATION IN THE PRODUCTION OF E-MAIL IN A CLASSROOM

Abstract - This article aims to demonstrate that through a didactic sequence with the use of technology it is possible to help learners to understand questions related to linguistic variation. To demystify the misconception that all verbal performance must be conformed to the rules of the cultured norm, that is, to realize that the good use of both written and spoken language is one that is appropriate to the conditions of use. Through a bibliographical research, it is sought to provoke a look and reflect on the school's action, its commitment and especially on the

educator, the main protagonist in this process, since it is part of the great task of training new citizens for a world in permanent change in his writings and increasingly demanding about the quality of reading.

Keywords: Linguistic, Variation, Didactic Sequence, E-mail.

Referências

BORTONI- RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Sociolinguística Educacional. In: HORA, Dermeval da; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucienne C. (Orgs.). **ABRALIN: 40 anos em cena**. João pessoa, Paraíba: Editora Universitária, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs.). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª à 4ª séries). Brasília: MEC/SEF, Língua Portuguesa, v.2, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J., SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org.; R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. In: BRASIL. Secretaria de Educação a Distância. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2019